

ANOREXIA: O IMPASSE SUBJETIVO PARA LIDAR COM CORPO E A FEMINILIDADE

Sabrina de Oliveira Nésio¹ e Juliana Motta²

RESUMO

Este artigo visa discutir, pelo viés da psicanálise, a anorexia como uma das manifestações clínicas do sofrimento psíquico crescente na atualidade que submete o sujeito ao imperativo do gozo por tentar alcançar um ideal impossível. Nessa lógica surge o sofrimento produzindo os sintomas no corpo. Desde modo será necessário entender a noção de corpo segundo a psicanálise articulada ao conceito de feminilidade para posteriormente compreender a relação do sujeito feminino com o corpo e os sintomas de anorexia na contemporaneidade. Pressupondo que a anorexia pode ser uma das formas encontradas pelo sujeito para lidar com o mal-estar estrutural ou a tentativa da construção da máscara feminina. Busca, ainda, situar tal sintomatologia ao longo da história da civilização conforme as diferentes formas de expressão próprias de cada época.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Feminilidade. Anorexia.

¹ Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e estudante da Pós-Graduação em Saúde Mental- Política, clínica e práxis do Instituto de Educação Continuada – PUC Minas. Rua Cláudio Manoel, 1185, 14º andar, Funcionários, Belo Horizonte, MG. (31) 3319-4444 | sabrinanesio@yahoo.com.br.

² Psicanalista, Membro Aderente da Escola Brasileira de Psicanálise — sessão — MG. Mestre em Psicologia/FAFICH-UFMG; Gerente Técnico -Assistencial do Instituto Raul Soares-FHEMIG. Professora das Especializações do IEC-PUCMG: Clínica Psicanalítica na Atualidade: Contribuições de Freud e Lacan; Saúde Mental — Política clínica e práxis. Rua Cláudio Manoel, 1185. 14º andar, Funcionários, Belo Horizonte, MG. (31) 3319-4444 | julianameirellesmotta@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este texto visa discutir a anorexia como forma de adoecimento psíquico do sujeito feminino na contemporaneidade pressupondo que esta pode ser uma das soluções encontradas pelo sujeito para lidar com o conflito concernente ao corpo bem como na construção da máscara feminina.

Para tanto, ao longo da argumentação terá preferência a noção de corpo segundo psicanálise articulada ao conceito de feminilidade para posteriormente compreender a relação do sujeito feminino com o corpo e os sintomas de anorexia na contemporaneidade.

A NOÇÃO DE CORPO

Há muitos anos o corpo tem a atenção de vários campos do saber como, por exemplo, medicina, antropologia, arte, psicologia, psicanálise entre outros. Aparece como objeto de estudo conforme os princípios de cada abordagem demonstrando que os conceitos que concernem ao corpo são bastante variáveis.

A psicanálise prioriza o discurso do sujeito e demonstra que é exatamente através de uma linguagem sobre o corpo que este se faz presente. Freud, em 1895, nos Estudos sobre a histeria, avança em relação a existência do inconsciente a partir da fala sobre o corpo. É aí que Freud estabelece uma cisão entre o corpo regulado pelos estatutos da medicina e o corpo do discurso freudiano. Essa nova leitura sobre o corpo põe em cena um corpo que faz analogia ao sintoma.

Nos três ensaios sobre a teoria da sexualidade, em 1905, Freud insere uma nova concepção de corpo ao estruturar que o corpo biológico, o corpo da pura necessidade recairá na noção de corpo erógeno. Ou, como a leitura que Lacan faz de Freud, corpo inserido na linguagem. Sendo este último, o corpo constituído da psicanálise; corpo que tem representação psíquica, marcado pelo desejo inconsciente. Demonstrando assim, que o sintoma seria para o sujeito maneiras de realização deste desejo.

Desta forma, o corpo sexual da psicanálise se contrapõe ao organismo físico tratado pela biologia e evidencia o lugar que a sexualidade ocupa na construção desse corpo. Lanzzarini e Viana (2006) ao citarem Bastos, em “O corpo em

psicanálise', dizem que o corpo sexual é o corpo infantil seduzido e apossado pela pulsão. Colocam ainda que a pulsão seria o lugar de encontro entre corpo e psiquismo. Opondo, portanto, corpo e organismo pois, segundo as autoras o corpo pulsional não se identificaria com o conceito biológico. E é como corpo pulsional que o corpo pode ser auto-erótico e narcísico. Enquanto o corpo pulsional remete a uma dispersão da pulsão, o corpo narcísico se refere a uma unidade do corpo realizada pela presença significativa do outro.

É a partir da erotização que o corpo começa a ser constituído. A imagem corporal se ordena quando ocorre a constituição de um corpo totalizado, ou seja, quando as zonas erógenas deixam de ter um registro dispersivo para ser unificado.

De acordo com a leitura que Lazzarini e Viana fazem de Lacan, seria através do outro que a unidade corpórea seria prefigurada e antecipada resultando assim, na construção do eu e do corpo unificado. Nesse caso, para o sujeito, a experiência de ter e ser eu implica para ele habitar um corpo unificado que se inscreve no espaço e no mundo. Esse momento de constituição do ser humano, onde acontece a apreensão e o domínio da unidade corporal imaginária por identificação com a imagem do outro, pode ser entendida a partir da teoria do estágio do espelho de Lacan.

Ao falar do estágio do espelho e o imaginário, Garcia-Roza diz que aí há um primeiro esboço do ego, mas que não é nessa fase que ocorre a constituição do sujeito. O que essa fase assinala é um tipo de relação imaginária, dual, da criança com seu semelhante através da qual ela constitui uma demarcação da totalidade do seu corpo.

A criança percebe na imagem do semelhante ou na sua própria imagem especular uma forma que antecipa uma unidade corporal que lhe falta e identifica-se com essa imagem. No entanto, "essa fase é ainda dominada pelo imaginário e o que aí se produz é apenas um ego especular. O sujeito será produzido somente quando da passagem do imaginário ao simbólico, isto é, através da linguagem." (Garcia-roza, 2004, p.212)

E como diz André (1998), a imagem, em suma, veste o corpo real cuja desordem é solidária da prematuração. Seguindo esse pensamento, o corpo para

psicanálise não é uma experiência primária do sujeito, pois, este só tem acesso a este corpo mediante funções simbólicas.

Assim, o corpo para a psicanálise é aquele corpo enquanto objeto para o psiquismo, é o corpo da representação inconsciente, investido numa relação de significação, construído em seus fantasmas e em sua história. Opondo-se, portanto, ao corpo individualizado, despedaçado que a linguagem dá ao ser falante antes do desenvolvimento de uma imagem ordenada. O que implica articular que para fazer um corpo é preciso um organismo e uma imagem. O que como diz Soler (1989), faz existir o sentimento de pertinência e unidade devida a consistência da forma.

E desde essa prótese do imaginário, que de um organismo fragmentado faz um corpo unificado, concebe-se que essa imagem oferta-se ao amor e toma seu valor libidinal – narcisismo, dizia Freud. (SOLER, 1989, p.4).

Soler (1989) afirma, ainda, ao citar Lacan que as fragmentações das representações do corpo não cabem somente ao organismo prematuro, mas, também ao efeito da própria linguagem. Sendo a partir dos mecanismos dos significantes que se constrói um corpo. Ideia corroborada por Quinet (1988), em O corpo e seus fenômenos, quando aponta que o corpo é aquilo que pode trazer a marca apropriada para colocá-lo numa cadeia significativa, ou seja, um discurso.

Beneti (200) apresenta o conceito de corpo a partir de dois campos do saber: na psicanálise e na medicina. Quanto a primeira interessa o corpo libidinal, erotizado, sexualizado, corpo atravessado pela palavra. Para a medicina tem-se o corpo desoregeneizado, dessexualizado, biológico, cadaverizado. Esse mesmo autor afirma que para fazer um corpo é necessário um organismo, uma imagem e a linguagem. E a partir disso discorre sobre o corpo nos três registros (R,S,I) inseridos no campo da psicanálise:

I – imaginário: uma imagem toda, uma, inteira, sem furos ou defeitos.

S – simbólico: significantes. Estrutura de linguagem.

R – real: o impossível. Enquanto inscrito numa arquitetura significativa (S) ou formal (I).

Para compreender a relação do sujeito feminino com o corpo, a partir da psicanálise, é imprescindível que esteja claro a noção de que o corpo não se dá a priori e sim é construído pela articulação do real, simbólico e imaginário.

Para psicanálise, no registro do imaginário o que está em cena é a dimensão da imagem una, toda, inteira, narcísica, que aponta para dimensão da harmonia, do encontro, do bem-estar. Corpo estético e da beleza corporal que ganha cada vez mais espaço na mídia e no imaginário das pessoas. Uma imagem que tenta cobrir o real, mas que sempre fura. A castração mostra que tem um furo, uma falha por onde aparece a harmonia e desarmonia do sujeito.

No simbólico, constitui-se o corpo das zonas erógenas atravessadas pelo significante, delimitadas pelos mesmos, que articulados à pulsão falam do corpo erógeno, erotizado, sexualizado. Um corpo “esbelto”, “magro”, “gordo”...

No real é o corpo do gozo sexual, que aponta para a impossibilidade do bem-estar, da harmonia do encontro. Corpo do desencontro, do mal-estar, marcado por um menos, atravessado pela castração que destrói o ideal narcísico.

Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me e
é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta...
(Carlos Drummond de Andrade, 1984, p.13)

Na literatura, é possível observar com Drummond, em seu poema “ As contradições do corpo”, o que a teoria psicanalítica aponta: que a constituição do sujeito se dá a partir do olhar do outro. Neste contexto perpassa a organização da completude ilusória do sujeito feminino que buscará tamponar a falta com objetos de gozo, oferecidos pela ciência, julgados capazes de proporcionar plena satisfação e que responda ao ideal de completude. Retrata-se desse modo os valores de uma sociedade escópica em que é preciso seguir os ideais de beleza e jovialidade aprovados pelo outro.

De acordo com André (1998), há um cuidado particular da mulher com sua imagem corporal que esta pode chegar a adquirir o valor de falo. O corpo feminino, nesse caso, apresenta-se, também, como símbolo fálico como sendo uma das

saídas da mulher para se ter acesso à feminilidade. Por tanto, faz-se necessário entender o conceito de feminilidade na psicanálise.

FEMINILIDADE

O enigma da feminilidade se apresenta ao sujeito a partir da falta de um significante no campo do Outro. É essa ausência de um significante, que estrutura o “não ser” da mulher ou, como aforismo lacaniano: “a mulher não-existe”.

Enquanto no homem é o atributo fálico que o define, na mulher, ocorre o oposto. O falo não as define positivamente, isto é, diz o que não são, mas não diz o que são. Percebe-se, assim, que o falo é uma questão central para ambos: homem e mulher. Como diz Spínola (2001), a dialética fálica é a única capaz de introduzir o sujeito masculino e feminino nos ideais típicos de cada sexo, que sustentam a realização genital da pulsão. A distinção entre homem e mulher, portanto, não se reduz à diferença anatômica.

Não há representação no inconsciente da dualidade de órgãos pênis/vagina que a diferença anatômica apresenta. Esta é uma questão problemática para o sujeito, que terá que construir sua identidade sexual, já que ela não é dada pela anatomia. Não há representação psíquica da diferença anatômica pela representação de seus órgãos, mas há representação psíquica de um operador desta diferença: o falo. O falo não é o órgão. “Não é do pênis que se trata, mas do falo, ou seja, de um significante que, como todo significante, tem lugar no discurso do Outro, sempre trans-individual” (Soler, 2005, p.27).

Para explicitar melhor essa divisão, entre homem e mulher, é necessário precisar o conceito psicanalítico de sexualidade. Afinal, como assinala Spínola, o sexual se insere na estrutura edípica segundo uma outra ordem que não é a anatômica, e sim, segundo leis inconscientes. A sexualidade, para psicanálise, é consequência da organização fálica ou da castração.

Freud busca responder a questão feminina, “O que é uma mulher?”, analisando o complexo de castração na menina e no menino. Sob ameaça da castração, o Édipo evolui naturalmente no menino, é abandonado, reprimido e, na maioria dos casos inteiramente destruído. Com a dissolução do Complexo de Édipo instala-se,

como seu herdeiro, um severo superego. O mesmo não acontece com a menina. O complexo de castração na menina é bem diferente. Na menina não há o temor à castração. Ela reconhece este fato que é o que influencia o Complexo de Édipo na menina ao invés de destruí-lo.

Entretanto, no Complexo de Édipo feminino, a castração terá importância para que a menina atinja a situação edípica positiva. Mas, anteriormente ao “complexo positivo”, há uma fase pré-edípica ou “complexo negativo”, fase de ligação exclusiva à mãe, de grande importância nas mulheres. De acordo com Freud (1933), essa fase, pré-edípica, sobre a qual se apóia a vinculação afetiva com a mãe e esta é tomada como modelo, é decisivo para o futuro de uma mulher. “Durante essa fase ocorre os preparativos para aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais. É também nessa identificação que ela adquire aquilo que constitui motivo de atração para um homem.” (Freud, 1933) Segundo, André (1998), é essa Pré-história de Édipo feminino que tenderá a ressurgir, mais tarde, ao longo da história da filha, já que o pai é sentido por ela como impotente para lhe transmitir uma identidade feminina.

Já na situação edípica, ao invés de ter a mãe como objeto de amor, a menina elege seu pai como objeto amoroso. Ao se deparar com a falta, descobrir-se castrada é impulsionada a entrar no Édipo positivo. A menina culpa a mãe por não receber o objeto desejado, testemunha a castração da mãe e, é levada a eleger um outro objeto suposto capaz de lhe dar o falo: o pai. Isso indica, segundo Freud (1933), que para as meninas a situação edípica é o resultado de uma evolução longa e difícil. Afinal, uma menina tem de mudar de zona erógena – do clitóris para vagina – e de objeto – da mãe para o pai – enquanto que o menino mantém ambos.

Desse modo, Freud (1933) atribui às mulheres um complexo de castração. Assim, como nos meninos, as meninas iniciam o Complexo de Castração ao verem os genitais do outro sexo. Percebem a diferença, sentem-se injustiçadas e tornam-se vítimas da “inveja do pênis”. Admitem, portanto, sua importância. Essa inveja deixará marcas “indelévels” em seu desenvolvimento e na formação de seu caráter e, a mulher poderá por um longo tempo desejar possuir algo semelhante, algo para tamponar a falta fálica.

A menina entra na situação edipiana como se esta fora um refúgio. Ante “a ausência do temor da castração, falta o motivo que leva o menino a superar o Complexo de Édipo. As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto.” (Freud, 1933) Nessas condições, a formação do superego sofre um prejuízo e a identificação feminina segue um percurso bem mais complexo.

Assim, a lei fálica não se impõe da mesma maneira no destino feminino. A mulher é não-toda assujeitada à função da metáfora paterna e sua sexualidade caracteriza-se mais por uma divisão que por temor à castração. A sexualidade feminina se organiza e se desenvolve em torno de uma falta. O feminino, será então, apreendido a partir do simbólico, da primazia do falo, símbolo de algo que falta.

Freud em sua conferência sobre Feminilidade (1933) e Sexualidade feminina (1931) fala do enigma da feminilidade e da constituição do feminino no complexo de castração que se resolve no complexo de Édipo. Mostra, portanto, a distinção da constituição do sujeito feminino em relação ao masculino. A sexualidade feminina organiza-se em torno da falta de objeto que concerne ao falo. Portanto, a primazia do falo norteia as relações libidinais no interior do Édipo a partir da dialética do ter ou não ter, em que a diferença anatômica que constitui a masculinidade ou feminilidade como o é para ciência.

Sobre o enigma da feminilidade, Serge André, em “O que quer uma mulher?” (1998), diz que as mulheres são elas mesmas este enigma. “A feminilidade é um objeto de pensamento inapreensível, e por outro lado, para as próprias mulheres, faz parte do registro do ser inefável que não tem necessidade alguma de ser pensado para ser.” (André. 1998.p.190) Coloca que a feminilidade aparece em Freud como um enigma, pois não é um dado a priori, ao menos a nível do inconsciente e de suas representações. Esse mesmo autor fala que a mulher deve ser praticamente fabricada através de um longo trabalho psíquico. Afinal, a menina se considera castrada, privada do falo e, é necessário a passagem pelo Édipo para que essa privação seja subjetivada no plano da diferença anatômica e ganhe expressão psíquica. Isso evidencia, como descrito anteriormente, que a essência da feminilidade escapa à anatomia. E, como articula Soler (2005), definição é clara e simples:

A feminilidade da mulher deriva de seu “ser castrada”: mulher é aquela cuja falta fálica a incita a se voltar para o amor de um homem. Primeiro é o pai, ele próprio herdeiro de uma transferência do amor primordialmente dirigido à mãe, e depois o cônjuge. Em resumo: ao se descobrir privada do pênis, a menina torna-se mulher quando espera o falo – ou seja, o pênis simbolizado – daquele que o tem. (SOLER, 2005, p.26)

Segundo Freud (1933), o tornar-se mulher passa pela divisão do sujeito feminino em aceitar ou rebelar a castração. E dessa atitude dividida, da descoberta de que é castrada seguem-se três linhas de desenvolvimento possíveis: neurose, complexo de masculinidade e saída pela feminilidade. Há, portanto, algumas consequências psíquicas para a mulher em relação à inveja do pênis.

Assim, atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetual da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar. A inveja do pênis tem em parte, como efeito, também, a vaidade física das mulheres, de vez que elas não podem fugir à necessidade de valorizar seus encantos, de modo mais evidente, como uma tardia compensação por sua inferioridade sexual. (FREUD, 1933)

E, mais que a tentativa de receber o falo do pai, como assinala André (1998), a mulher busca um signo que a funde numa feminilidade enfim reconhecida. No entanto, depara-se com a impotência do pai para dar o apoio que contava para assentar sua identidade feminina. “A insígnia paterna só indica o falo, só sugere identificação fálica” (André, 1998, p.112). Segundo esse mesmo autor, como não há no Outro um significante do sexo feminino como tal, não há na imagem corporal algo que possa revestir e erotizar completamente o real do corpo, numa mulher a não ser que se faça “toda fálica” abordando a sexualidade à maneira de um homem, na ostentação fálica. No plano da imagem a mulher aparece sempre como algo essencialmente vacilante e frágil. Por isso a atenção dada à imagem, a expectativa constante de serem reasseguradas de sua feminilidade por meio dessa imagem.

Assim, à falta de ter o falo, a mulher cuida particularmente de sua imagem corporal de tal sorte que esta chega a adquirir o valor de falo: à falta de ter um signo identificatório do pênis, ela tem um corpo feminino. Em consequência, o corpo feminino, apoiando-se sobre o real da carne, adquire ao mesmo tempo um valor principalmente simbólico: em seu limite, como símbolo fálico, ele vale ainda mais que um pênis.”ANDRÉ, 1998, p.115)

Quinet (1995) ao citar Lacan diz que na contraposição de ter ou não ter o falo, a mulher justamente por não ter o falo se torna o falo. “ Ela se transforma naquilo

que ela não tem. A ausência de falo é o que condiciona justamente a mulher a ser um objeto fálico.” (QUINET, 1995, p.13) Nesse sentido, André ao citar Lacan escreve que é para ser o falo, quer dizer, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parte essencial da feminilidade, principalmente todos os seus atributos na mascarada. “ A mascarada feminina tem o estatuto de uma máscara destinada a fazer ex-sistir como mistério – ou melhor, como mistério roubado à lógica do signo como insignificável – um ser feminino hipotético.” (ANDRÉ, 1998, p.115)

A partir daí pode-se depreender que em primeiro lugar, a mulher, apesar de castrada, reveste-se do falo, torna-se o falo para ser desejada, porque sabe que este representa o desejo almejado pelo Outro; em segundo lugar, é justamente o fato de ser castrada, mas, ao mesmo tempo, conseguir disfarçar esta condição, que define a sua essência. Assim, a mulher tem como única saída a mascarada feminina para atuar como causa do desejo porém, nessa alienação no falo ela deixa de lado a essência do feminino. Desse modo, a mascarada feminina é um recurso inevitável e essencial para constituir um laço com o Outro, como um modo de se fazer ser para o Outro.

A ANOREXIA COMO SENDO UMA DAS ESTRATÉGIAS FEMININAS PARA LIDAR COM O CORPO

Nesse sentido, pode-se pensar que a anorexia, na contemporaneidade, pode ser uma das estratégias femininas para lidar com o corpo bem como ajudá-la na construção da máscara feminina. Ainda que seja uma tentativa fadada ao fracasso visto que faz definir o corpo do sujeito, fazendo-o colocar-se novamente sob os cuidados e sujeição do gozo do Outro. Na anorexia há um gozo do corpo que entra numa lógica mortífera e segregadora do laço com o Outro.

En la clínica Del vacío, la importancia de la máscara no está em relacion com el juego histórico de las identificaciones. Si la clínica de la falta – como demuestra em concreto la posición histórica del sujeto – es una clínica que elige la máscara como modalidad subjetiva para hacer existir el deseo del Otro, la clínica del comproba como la máscara está más bien encaminada a hacer que el sujeto exista em su ser. (Recalcati)

A anorexia é um ideal impossível de ser alcançado a não ser pela via do adoecer. Adoecimento que reflete um estilo de vida marcado culturalmente. Sabe-se

que comportamentos alimentares excêntricos sempre existiram na história da civilização porém, modificando conforme os objetivos, significados próprios da época e subjetividade de cada um.

Segundo Cordás, a primeira descrição médica da anorexia nervosa foi feita por Gerald Russell em 1979, e um terceiro grupo heterogêneo de quadros assemelhados, mas que não apresentavam sintomas completos nem para o diagnóstico de Anorexia Nervosa nem para Bulimia Nervosa, foram classificados como Transtornos Alimentares Atípicos nos anos 1980. Em 1986 foi descrito um caso sugestivo de anorexia ocorrido no ano 895. O autor descreve ainda que no século XIII, cresce o número de casos descritos de mulheres que se auto-impunham jejum como uma forma de se aproximar espiritualmente de Deus; eram as chamadas “santas anoréxicas”. Um dos casos mais conhecidos é o de Santa Catarina de Siena. No ano de 1354 a mesma contava com 7 anos quando iniciou os sintomas de restrição alimentar, preces e prática de autoflagelamento devido seu voto de consagrar sua vida a Deus. Seu pendor para mortificação a partir da inanição acentuou-se a tal ponto que causou sua morte por desnutrição aos 32 anos.

Em 1980 o DSM-III – Manual de diagnóstico e estatística dos transtornos mentais - introduziu a bulimia como um novo transtorno alimentar. Porém, apenas no DSM-III-R a anorexia nervosa foi estabelecida no campo psiquiátrico como uma síndrome entre os transtornos alimentares conforme proposto por Russel. De acordo com esse manual, atualmente DSM-V, os transtornos alimentares são caracterizados por uma perturbação persistente na alimentação ou no comportamento relacionado à alimentação que resulta no consumo ou na absorção alterada de alimentos e compromete significativamente a saúde física ou o funcionamento psicossocial. São descritos critérios diagnósticos para pica, transtorno de ruminação, transtorno alimentar restritivo/evitativo, anorexia nervosa, bulimia nervosa e transtorno de compulsão alimentar. Cada um possui traços específicos para se fazer as características diagnósticas e o diagnóstico diferencial.

Os sintomas alimentares não são novos mas, é importante ressaltar que cresce o número dessa psicopatologia, como muitos preferem denominar. Atualmente, observa-se que os quadros de anorexia nervosa denunciam que o sujeito busca decifrar o que se é através da imagem. Existe hoje uma supervalorização do culto ao

corpo que permeia a vida do sujeito submetendo-o ao imperativo do gozo: os padrões estéticos impostos pela mídia e pelo mercado da moda; o conceito de saúde e bem-estar através do consumo de produtos *lights*; de expressões “Seja belo”, “Seja feliz”. À princípio, esses ideais deveriam nortear as decisões do sujeito, porém há um agravante quando o sujeito transforma tais expressões em imperativos. E mesmo sendo em contexto onde prevalecem o imperativo da sociedade de consumo pela perfeição corporal, em algum ponto sempre aparece a insatisfação feminina para denunciar a falta. Nessa lógica universalizante do que é ideal, surge o sofrimento, angústia e muitas vezes produz sintomas no corpo.

Tal contexto tem como característica o apagamento da diferença para ficar igual a um modelo determinado culturalmente. Assim, o sujeito feminino, narcisicamente, busca encontrar valores e atributos que preencham os vazios de sua imaginária completude voltando a libido para satisfação narcísica que pode ser percebida através da excessiva preocupação com sua imagem corporal. A libido é então deslocada para um ideal do eu que neste caso se apresenta sob a forma da beleza padronizada pela cultura.

O Ideal de eu funciona no registro simbólico, se dá na relação com o outro. É por isso que o sujeito narcisista tem prazer ao obter o reconhecimento e a admiração de um outro significativo apesar dessa necessidade advir de um objeto ideal internalizado. Entretanto, nas anorexias, há algo da regulação simbólica do Ideal do eu que não opera e o sujeito usa a imagem na tentativa de tamponar a “falta a ser”.

No caso da anorexia esse ideal a ser alcançado é o ideal do corpo magro mesmo quando uma realidade mortífera se apresenta pois, a imagem que a anoréxica vê no espelho é sempre distorcida, discrepante em relação ao real de seu corpo: por mais magra que esteja ela sempre verá um excesso que precisa ser eliminado. E, o sofrimento aparece justamente porque a anoréxica se identifica com o corpo acarretando no apagamento do sujeito impossibilitando o corpo de dar sentido ao mal-estar que o acomete bem como fazer com que seus atributos femininos passem pela lógica da castração. Ela se recusa a encarnar a alteridade do sexo para um homem.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. Drumond de. *Corpo*. Rio de Janeiro: 4ª ed. Record, 1984.
- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 295p.
- APA (2014). *DSM 5. Manual de Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais, 5ª Edição*. Lisboa: Climepsi Editores. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/248320024/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf#scribd>>. Acesso em: 31 out. 2015.
- BENETI, Antônio. O corpo da psicanálise e na medicina. *Almanaque*. Nº 5, novembro 2000.
- CORDÁS, Táki Athanássios. *Transtornos alimentares: classificação e diagnóstico*. *Rev. psiquiatr. clín.* vol.31 no.4 São Paulo: 2004. Disponível em: *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo) On-line version ISSN 1806-938X. www.scielo.br* . Acesso em: 31/10/2015.
- FREUD, S. Conferência XXXIII – Feminilidade (1933). In: FREUD, S. Edição Eletrônica de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1994. CR ROM
- FREUD, S. Sexualidade feminina (1931). In: FREUD, S. Edição Eletrônica de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1994. CR ROM
- FREUD, S. A teoria da libido e do narcisismo. In: FREUD, S. Edição Eletrônica de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v. 14. CR ROM
- FREUD, S. Os caminhos da formação do sintoma. In: FREUD, S. Edição Eletrônica de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v.14. CR ROM
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. Edição Eletrônica de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1994. CR ROM
- GARCIA-ROZA. Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 20 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, 236 p.
- LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. *O corpo em psicanálise. Psicologia, Teoria e Pesquisa*. V.22.n.2. Brasília, maio/ago.2006.
- QUINET, Antônio. *O corpo e seus fenômenos*. Conferência pronunciada em Belo Horizonte em 25/03/1988.
- QUINET, Antônio. *As formas de amor na partilha dos sexos*. In.: *A mulher na psicanálise e na arte/ Kalimeros – Escola Brasileira de Psicanálise. – Seção Rio; organização geral: Stella Jimenez e Glória Sadala. – Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1995. 206 p.*
- RECALCATI, Massimo. *A questão preliminar na época do Outro que não existe*. *Latusa digital*. N.7.ano 1. junho 2004. Disponível em:<www.latusa.com.br>.

RECALCATI, Massimo. Clínica del vacío. Anorexias, dependências, psicosis. Editorial Síntesis

SABEDORIA DOS SANTOS. Santa Catarina de Sena – Doutora da Igreja – Padroeira da Europa. Disponível em: <<https://biografiadossantos.wordpress.com/category/santa-catarina-de-sena/>> Acesso em: 17 out. 2016.

SPÍNOLA, Suzana Barroso. A teoria do falo no retorno a Freud. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Belo Horizonte, 2001.

SOLER, Colete. O que Lacan dizia das mulheres. Trad. Vera Ribeiro; consultoria, Marco Antônio Coutinho Jorge; - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ANOREXIA: THE SUBJECT IMPASSE TO DEAL WITH THE BODY AND FEMININITY

ABSTRACT

This article aims to discuss the perspective of psychoanalysis , anorexia as one of the clinical manifestations of the increasing psychological distress today submitting the subject to the imperative of enjoyment by trying to reach an impossible ideal . This logic arises suffering producing symptoms in the body. In this way you must understand the notion of body according to articulate psychoanalysis the concept of femininity to further understand the female subject relationship with the body and the symptoms of anorexia nowadays. Assuming that one of the anorexia forms can be found by the subject to handle structural malaise or attempt construction of female mask. Search also place such symptoms throughout the history of civilization as the different ways of expressing themselves each time.

KEYWORDS: Body. Femininity. Anorexia.

ANOREXIE: L'IMPASSE SUBJECTIVE DE TRAITER AVEC LE CORPS ET LA FEMINITE

RÉSUMÉ

Cet article vise à discuter du point de vue de la psychanalyse, de l'anorexie comme l'une des manifestations cliniques de la détresse psychologique croissante aujourd'hui soumettant le sujet à l'impératif de jouissance en essayant d'atteindre un idéal impossible. Cette logique se pose la souffrance symptômes produisant dans le corps. De cette façon, vous devez comprendre la notion de corps selon la psychanalyse à articuler le concept de la féminité pour mieux comprendre la relation de sujet féminin avec le corps et les symptômes de l'anorexie de nos jours. En supposant que l'une des formes de l'anorexie peut être trouvé par le sujet pour traiter un malaise structurel ou tenter construction de masque féminin. Recherche placé également des symptômes tout au long de l'histoire de la civilisation que les différents moyens d'expression à chaque fois.

MOTS-CLÉS: Corpo. Féminité. Anorexie.

Anorexia: O Impasse Subjetivo para Lidar com Corpo e a Feminilidade

Recebido em: 18-08-2016

Aprovado em: 15-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>